



A importância da despedida em tempos de pandemia provocada pela covid-19: uma visão teológica e psicológica

The importance of farewell in times of pandemic caused by covid-19: a theological and psychological viewpoint

Solange do Carmo Bowoniuk Wiegand ^[a] 

Curitiba, PR, Brasil

Faculdades Pequeno Príncipe

Francisco Wiegand ^[b]

Curitiba, PR, Brasil

Santuário de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro

Waldir Souza ^[c] 

Curitiba, PR, Brasil

Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR)

Como citar: WIEGAND, S. do C. B.; WIEGAND, F.; SOUZA, W. A importância da despedida em tempos de pandemia provocada pela covid-19: uma visão teológica e psicológica. *Revista Pistis & Praxis, Teologia e Pastoral*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 15, n. 02, p. 191-205, maio/ago. 2023. DOI: <https://doi.org/10.7213/2175-1838.15.002.DS03>.

^[a] Mestre em Bioética, e-mail: swiegand@uol.com.br

^[b] Graduado em Teologia, e-mail: wiegand@uol.com.br

^[c] Pós-doutor em Bioética, e-mail: waldir.souza@pucpr.com

Resumo

A covid-19, doença infecciosa da família coronavírus, é responsável pela pandemia que se espalhou por todos os países do planeta, desde o fim de 2019. O objetivo deste estudo é analisar as implicações centrais da falta de despedida final entre familiares e pacientes que faleceram, tendo o coronavírus como causa da morte. Trata-se de um tema relevante e imprescindível, ainda vivenciado por algumas pessoas. Para tanto, foi utilizado o método dedutivo, com pesquisa qualitativa bibliográfica, aplicada com análise de conteúdo. Devido à escassez de literatura sobre um tópico muito insipiente, foram utilizadas notícias recentes como importante fonte de informação para a pesquisa. Para o artigo proposto, buscou-se uma visão teológica, voltada para a fé cristã, para a busca de um novo sentido, visando um novo propósito na vida das pessoas. Além da visão psicológica, direcionada para o cuidado na área da saúde, contribuindo, desse modo, para a saúde mental dos envolvidos.

Palavras-chave: COVID-19. Falta de despedida. Teologia. Psicologia.

Abstract

COVID-19, an infectious disease from the coronavirus family, is responsible for the pandemic that has spread across all countries since late 2019. The objective of this study is to analyze the central implications of the lack of a final farewell between family members and patients who have passed away due to the coronavirus. This is a relevant and essential topic that is still being experienced by some individuals. For this purpose, a deductive method was used, with qualitative, bibliographic research applied through content analysis. Due to the scarcity of literature on a very nascent topic, recent news articles were used as an important source of information for the research. The proposed article sought a theological perspective, focused on the Christian faith, in order to find new meaning and purpose in people's lives. Additionally, a psychological perspective was included, directed towards care in the health area, contributing to the mental well-being of those involved.

Keywords: COVID-19. Lack of farewell. Theology. Psychology

Introdução

Em 1937 já se falava de um vírus que causava infecção respiratória nos humanos. Entretanto, foi em 1965 que ele foi caracterizado como coronavírus, através de análise microscópica que mostrou sua semelhança com uma coroa. Reapareceu em 31/12/2019, com registro dos primeiros casos na China, e se propagou pelo mundo afora, não poupando nenhum país.

Face ao equívoco na compreensão de muitas pessoas, é importante diferenciar os termos covid-19 e coronavírus. “A covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global” (BRASIL, 2021, s. p.). Ao passo que o coronavírus é o vírus da família SARS-CoV-2 que causa a doença covid-19.

Importante frisar que, conforme dados da Secretaria de Saúde do Estado Paraná, atualizados em 25/07/23, foram 768.237.788 casos em todo o mundo, com 6.951.677 óbitos. O Brasil teve 37.794.598 ocorrências, com 704.488 mortes e, no Paraná, 2.935.709 casos com 46.192 falecimentos. Sendo que nos últimos sete dias, nesse estado, aconteceram 395 casos com 9 óbitos (PARANÁ, 2023, p. 2).

Apesar de Tedros Adhanom, diretor-geral da Organização Mundial da Saúde, ter decretado o fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional da covid-19, em 05/05/23, ele destacou que a covid-19 continua sendo uma ameaça à saúde das pessoas (MINGOTE, 2023, s.p.), conforme demonstrado no parágrafo anterior, vide o número de infectados e mortes que ainda está acontecendo.

No decorrer da pandemia e com a necessidade de hospitalização, a falta de informações e as incertezas quanto ao que estava ocorrendo, fez com que os envolvidos se sentissem inseguros, aumentando a vulnerabilidade de todos. Assim, o ser humano como sendo um ser de cuidado, necessita dele ao nascer, ao longo da vida e ao morrer também. Durante a pandemia todos foram corresponsáveis pelas pessoas que estavam no seu entorno, a saúde de um dependia da saúde do outro.

A preservação da vida e o alívio do sofrimento físico são importantes, contudo, não se pode deixar de lado a visão espiritual ou religiosa do paciente. Porém, em tempos de pandemia isso não foi possível, o momento de se despedir do seu ente querido não foi mais permitido por causa do coronavírus SARS-CoV-2, devido à sua provável contaminação. Por essa perspectiva, Petra Bahr, teóloga alemã evangélica, nos mostra que:

A interferência no direito fundamental à liberdade de religião tornou-se necessária, porque o "direito à vida" é um bem primário de nossa Constituição. A pandemia, que envolveu o mundo inteiro, perturbou toda a nossa vida em poucos dias e nos colocou diante de grandes desafios. Há aqueles que respondem ao choque fisicamente e permanecem como que paralisados olhando as telas ou se fecham em tranquilizadores mundos de ficção (BAHR, 2020, s.p.).

Esse cenário de isolamento social trouxe sérias consequências, mexendo com os sentimentos da população, frente à incerteza de quando a pandemia iria terminar e se todos ficariam bem. Sendo que, “Nesses tempos, a distância física é uma expressão de amor ao próximo” (BAHR, 2020, s.p.). Foi um momento de reflexão para todos.

As informações chegaram através da televisão, celular e redes sociais, como se fossem uma avalanche, gerando medo e pânico em muitas pessoas. Houve a necessidade de se filtrarem as notícias, buscando-as em fontes confiáveis, evitando-se as *fake news*.

Cada pessoa é única e reagiu do seu próprio modo frente ao coronavírus. Se adaptou à nova situação de confinamento de acordo com a sua possibilidade, dando valor às pequenas coisas que antes faziam parte da sua rotina diária e que não eram valorizadas. Porém, muitas pessoas desenvolveram o vírus, precisaram ser hospitalizadas, entubadas e nem todas tiveram a sorte de se recuperar.

O objetivo deste artigo é analisar as implicações centrais decorrentes da falta de despedida final entre familiares e pacientes que faleceram, tendo o coronavírus como causa da morte. Para tanto, questiona-se sobre a importância da despedida entre pacientes e familiares, em tempos da pandemia provocada pelo coronavírus.

Relevante lembrar sobre a importância da conscientização no cuidado humano na área da saúde, sem perder de vista a relação entre a Teologia e Psicologia, onde ambas buscam um diálogo como modo de busca do conhecimento, voltado para o desenvolvimento das pessoas: a Teologia por meio da fé e a Psicologia por meio da ciência, ambas como estratégia de superação. Sendo assim, conversam entre si quando há uma percepção da missão de cada ser humano no mundo, tendo como foco principal a vida, onde o mais importante nesse diálogo seja o bem-estar das pessoas.

O propósito deste artigo encontra embasamento no caráter interdisciplinar, considerando a interação entre a Teologia e a Psicologia, na medida em que pode haver discussão entre essas áreas. Trata-se de um estudo voltado para o cuidado responsável e preservação da dignidade da vida, tendo como base o método dedutivo, com pesquisa qualitativa bibliográfica, aplicada com análise de conteúdo e busca de notícias atuais sobre o tema.

Sobre a despedida ou não despedida

Na Idade Média, devido à precariedade das ciências da saúde da época, os doentes pressentiam a proximidade da morte e sabiam quando iam morrer. Era o momento em que chamavam a família e amigos para a realização do ritual de despedida. Nessa época a morte era considerada como natural. Desse modo, Santos comenta que:

Achava-se que no leito de morte existia o Livro da Vida, onde todos os atos praticados seriam contabilizados e que de um lado da cabeceira do leito, encontrava-se o anjo da guarda e, do outro, o diabo. O fim da vida não era considerado sinônimo de morte física; mais do que isto, a morte era vista como um sono e cabia à Igreja assegurar a ressurreição no retorno apocalíptico de Cristo (SANTOS, 2007, p. 17-18).

Nesse sentido, depreende-se que a ideia de julgamento no momento da morte era feita por meio do balanço das boas e das más ações que aconteceram ao longo da vida daquele que estava morrendo. Dando um salto na história, com o passar do tempo e com o avanço científico, a morte foi transferida para o hospital, conforme demonstrado por Ariès:

O quarto do moribundo passou da casa para o hospital. Devido às causas técnicas médicas, esta transferência foi aceita pelas famílias, estendida e facilitada pela sua cumplicidade. O hospital é a partir de então o único lugar onde a morte pode escapar seguramente à publicidade – ou aquilo que resta – a partir de então considerada como uma inconveniência mórbida. É por isso que se torna um lugar da morte solitária (ARIÈS, 2000, p. 322).

O hospital faz com que o paciente perca o controle sobre si mesmo, sobre a sua doença, colocando-o na dependência do seu médico e demais profissionais da área da saúde. Em tempos de pandemia provocada pelo coronavírus, a morte deixou de ser na presença dos entes queridos, à beira do leito de morte, não permitindo qualquer tipo de despedida, devido ao seu presumível contágio. Nesse contexto, o paciente deixou de exercer o seu direito sobre a sua autonomia religiosa ou espiritual devido aos novos protocolos impostos pela situação.

Assim sendo, não se pode esquecer de que “morte, espiritualidade e cuidados humanizados são uma mistura necessária a todos nós, mas especialmente aos que lidam com o fim da vida” (MOREIRA, 2011, p. 161). Importante ressaltar o grau de responsabilidade com o outro, principalmente em se tratando do mais vulnerável.

Nesse momento difícil, pode-se dizer que “esta situação nos confronta com a limitação do humano e com a nossa vulnerabilidade” (VÉLEZ, 2020, p. 16, tradução dos autores). É nessa fase de sofrimento que questões emocionais afloram, dando vazão a questões espirituais ou religiosas, onde muitos apontam o dedo para Deus, brigam com ele e perguntam: “Por que Você fez isso comigo?”; “Eu não merecia”. E é neste momento de tempestade que o dom da fé é avaliado. Sendo assim, esse questionamento será comentado na sequência, sob o olhar teológico e psicológico, bem como o seu impacto social ante a pandemia.

Um olhar teológico sobre a despedida em tempos de pandemia

Frente à pandemia causada pelo coronavírus, foi e continua sendo um desafio para a Igreja ajudar tantas pessoas que se encontram enlutadas por suas perdas, e é papel dela lembrar que Deus continua olhando por elas. Significativo lembrar que toda vez que ocorre uma perda a pessoa se enluta. Na Bíblia, o luto emerge por várias passagens e todos precisam de palavras de cuidado e amor, à semelhança da história de Jesus Cristo:

O próprio Jesus Cristo, em Seu momento de maior sofrimento, pendurado na cruz, se preocupou com a dor do luto que aqueles que o amavam passariam. Assim, em Seu momento final, Jesus se preocupou em deixar alguém para cuidar da Sua mãe, assim como alguém para estar com João, Seu amigo querido (RUPPENTHAL NETO, 2021, p. 98).

Complementando o acima descrito, este foi o momento em que Jesus Cristo procura confortar sua mãe, Maria, ao se despedir: "Quando Jesus viu sua mãe ali, e, perto dela, o discípulo a quem ele amava, disse à sua mãe: "Aí está o seu filho", e ao discípulo: "Aí está a sua mãe"." (Jo 19, 26-27).

Percebe-se a preocupação de Jesus Cristo, como homem, de que Maria estaria amparada pelo discípulo que ele mais amava. Teria a confiança de poder partir em paz, apesar do sofrimento espiritual da sua genitora, pela inversão da ordem natural da vida. Com este ato, Jesus Cristo transforma amor em caridade, ao se preocupar com a sua mãe e o seu seguidor. Esse gesto fez com que João acolhesse Maria para junto de si.

Isto posto, Maria, em sua resignação espiritual, foi "Testemunha da paixão, pela sua presença, nela participante com a sua compaixão, Maria Santíssima ofereceu uma contribuição singular ao Evangelho do sofrimento" (JOÃO PAULO II, 1984, p. 24). Desse modo, Maria, apesar de seus numerosos sofrimentos, teve sua fé inabalada.

Jesus Cristo aceita o seu caminhar de sofrimento, consciente da força salvífica deste, conforme demonstrado em "Muitas passagens e discursos da pregação pública de Cristo atestam como Ele aceita desde o princípio este sofrimento, que é a vontade do Pai para a salvação do mundo" (JOÃO PAULO II, 1984, p. 15). E esta fé cristã faz com que o calvário da existência humana seja amenizada pela promessa da salvação de Cristo.

Logo, o legado de Jesus sobre a despedida pode ser visto como "o mandamento do amor fraterno vivido em conformidade com seu exemplo e dom da vida, tendo sua fonte no Pai que é Amor" (KONINGS, 2005, p. 253). Ainda, citando o referido autor, sobre a despedida:

A despedida de Jesus não é o tema, é o cenário e a atmosfera... O tema é nossa existência em união de amor com ele – fisicamente ausente, mas presente na glória -, com o Pai e com os irmãos, isso, vivendo a "memória de Cristo" garantida pelo Espírito-Paráclito. A ulterior teologia da Trindade encontrou aqui riquíssima inspiração (KONINGS, 2005, p. 254).

Importante enfatizar que Paráclito, no sentido bíblico, é a designação atribuída ao Espírito Santo, como protetor, defensor, mentor e consolador. Consolidando, também, com o pensamento de João Paulo II sobre a despedida em sintonia com o sofrimento:

Ao pensar no mundo do sofrimento e no seu significado pessoal e, ao mesmo tempo, colectivo, não se pode, enfim, deixar de notar o facto de que este mundo como que se adensa de modo particular alguns períodos de tempo e em certos espaços da existência humana. É o que acontece, por exemplo, nos casos de calamidades naturais, de epidemias, catástrofes e cataclismos, ou de diversos flagelos sociais; pense-se, entre outros, no caso de um período de má colheita e relacionado com isso — ou por diversas outras causas — no flagelo da fome (JOÃO PAULO II, 1984, p.5).

Em vista disso, fazendo uma analogia com uma guerra, pode-se dizer que a pandemia provocada pelo coronavírus provocou uma guerra biológica com muitas mortes e sofrimento à nível mundial, onde muitos não puderam se despedir dos seus entes queridos em seus momentos finais de vida.

Convém salientar que, o Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM), por meio do Documento de Aparecida (DAp), está centrado no bem maior das pessoas: a vida, conforme citado abaixo:

As Conferências Episcopais e as igrejas locais têm a missão de promover renovados esforços para fortalecer uma Pastoral Social estruturada, orgânica e integral que, com a assistência e a promoção humana, se faça presente nas novas realidades de exclusão e marginalização em que vivem os grupos mais vulneráveis, onde a vida está mais ameaçada. No centro desse agir está cada pessoa, que é acolhida e servida com cordialidade cristã. Nessa atividade a favor da vida de nossos povos, a Igreja católica apoia a colaboração mútua com outras comunidades cristãs (CELAM – DAp 401).

Destarte, frente à crise pandêmica, fez-se necessário o envolvimento das pastorais, no sentido de acolher pessoas que se encontravam mais vulneráveis naquele momento, que necessitavam de cuidado espiritual ou religioso, ante as perdas que tiveram. Consequentemente, a Igreja continua a ter um trabalho a ser realizado, em que o amor pode ser demonstrado para com os mais fracos.

Os medos e preocupações dos que passaram e dos que ainda estão passando por este momento difícil, provocado pelo coronavírus, podem ser entendidos por Jesus, conforme posicionamento do jesuíta estadunidense James Martin ao comentar que “Jesus entende você, não apenas porque ele é divino e entende todas as coisas, mas porque ele é humano e experimentou todas as coisas” (MARTIN, 2020, s. p.). Jesus passou muito tempo entre os doentes, portanto, conheceu o mundo em que existiam doenças.

Pessoas percebem a sua vulnerabilidade, a sua fragilidade em seus projetos e buscam um novo sentido de vida por meio da virtude da esperança cristã. Por esse lado, o teólogo Valmir Nascimento menciona:

É tempo de resgatar o sentido cristão da esperança. Não uma esperança infantil, tola e religiosamente centrada. Refiro-me à virtude teológica sobre a qual falaram (e viveram) os pais da Igreja primitiva, que ajudou os crentes a enfrentarem a perseguição, a dor e até mesmo a morte com uma confiança inabalável depositada no coração. (NASCIMENTO, 2020.s.p.).

Dessa forma, os cristãos primitivos inspiraram a esperança da manutenção da fé frente às diversidades. Pode-se citar, como exemplo, a preocupação com o lado espiritual, mesmo próximo da sua finitude, do imperador Constantino, em 337 d.C., doente aos 65 anos, pediu aos bispos para que o batizassem, pois no começo do cristianismo era comum ser batizado no leito de morte, como forma de eliminar os pecados. O imperador romano desejava ir para o céu, sem sentir nenhuma culpa e algumas semanas depois de ser batizado morreu, sendo colocado ao lado dos doze apóstolos de Jesus, em um sarcófago (PERETTI, 2019). Percebe-se, portanto, que Constantino estava se preparando para sua morte, fazendo um luto antecipatório, na busca de uma boa morte.

Por essa perspectiva, o Papa Francisco exorta a necessidade de exprimir o sentido da fé em relação à experiência do luto, ao citar Jo, 11,33 “Devemos chorar no luto porque também Jesus explodiu em pranto e ficou profundamente perturbado pelo grave luto de uma família que amava”. E complementa ao falar que “A morte é uma experiência que diz respeito a todas as famílias, sem exceção. Faz parte da vida; contudo, quando toca os afetos familiares, a morte nunca chega a nos parecer natural” (FRANCISCO, 2015, s. p.). Desse modo, o ser humano necessita de um momento para que possa fechar o ciclo da existência do seu ente querido.

Ante a necessidade de cuidado no enlutamento de muitas pessoas, chama-se a atenção para o pensamento de Leonardo Boff ao se referir ao cuidado como elemento integrador da natureza humana, em que “o cuidado é, na verdade, o suporte real da criatividade, da liberdade e da inteligência. No cuidado se encontra o *ethos* fundamental do humano” (BOFF, 2003, p. 3). Consequentemente, esse zelo pelo ser humano faz parte de todo o seu ciclo vital, principalmente em tempos difíceis, como o experienciado durante a pandemia da covid-19.

O cuidado pandêmico pode originar novos sentimentos nas pessoas, à vista disso, James Martin coloca que “epidemias e pandemias tendem a despertar instintos brutais de sobrevivência em todos nós. Elas também podem provocar outras reações e comportamentos que contradizem a mensagem do Evangelho” (MARTIN, 2020, s.p.).

Essa implicação negativa da pandemia sobre a mensagem cristã precisa ser trabalhada, revertendo a situação para a busca por uma nova esperança, sem perder de vista a fé.

Corroborando este pensamento, pode-se dizer que “As doenças, os acidentes e as tragédias matam as pessoas. Mas não matam necessariamente a vida ou a fé” (KUSHNER, 1988, p. 48). Considera-se aqui o entendimento de que os problemas não são enviados por Deus, porém, é Ele quem dá forças para a resolução desses problemas.

No período pós-pandêmico, o ser humano ainda não retornou ao seu *status quo*, conforme pode ser demonstrado por Massimo Faggioli, historiador italiano da Igreja, quando fala que “Certamente este período difícil de lidar com [a] covid-19, por mais longo que seja, terá consequências para a fé e para a Igreja” (FAGGIOLI, 2020, s.p.). Dessa forma, a Igreja deverá continuar buscando, por meio do diálogo, mais união e solidariedade entre os fiéis.

Mesmo acolhendo aqueles que sofreram algum tipo de perda, pode-se dizer que “Ele é limitado no que pode fazer pelas leis da natureza e pela evolução da natureza e da liberdade moral humana” (KUSHNER, 1988, p. 47). Em relação a isso, Deus encontra-se limitado em suas ações.

Enfatiza-se que “As leis da natureza ameaçam igualmente a todos. Elas não abrem exceção para as pessoas boas ou para as pessoas úteis. Se um homem entra em uma casa onde alguém tem uma doença contagiosa, ele corre o risco de pegar aquela doença” (KUSHNER, 1988, p. 24). Por conseguinte, pode-se dizer que a covid-19 é democrática, ela pode afetar a todos, sem nenhum tipo de distinção.

Validando o pensamento de Saramago, sobre a continuidade da Igreja, ele afirma que “Sem morte não há ressurreição, e sem ressurreição não há igreja” (SARAMAGO, 2017, p. 18). Em vista disso, pode-se dizer que a boa despedida é aquela que acontece quando é feita na esperança de um reencontro alegre e tranquilo com o Pai.

Sabe-se que este momento pandêmico fará parte da história, entretanto, até que o “novo normal” se instaure em definitivo, já teremos passado pelo Mar Vermelho e o deserto. Assim, almeja-se por dias melhores, na esperança de que haja continuidade do conhecimento científico sobre a covid-19, no sentido da preservação da vida da Criatura como Ser de Deus. Finaliza-se a parte teológica deste artigo com a reflexão de que “Deus só pode o que o Amor pode” (VARILLON, 1991, p. 42). Desse modo, ele participa da história humana, com todos os seus imprevistos e consequências.

Um olhar psicológico sobre a despedida em tempos de pandemia

A espiritualidade/religiosidade pode se fazer presente, muitas vezes, em parceria com a Psicologia, auxiliando em uma nova busca de sentido de vida, dali por diante. Não se pode negar a dimensão espiritual voltada tanto para o paciente enlutado pela sua própria doença quanto ao familiar que o acompanha na difícil jornada de internamento hospitalar.

À vista disso, pode-se citar Elisabeth Kübler-Ross, psiquiatra de renome internacional, que, na década de mil novecentos e sessenta, publicou o livro “*Sobre a morte e o morrer: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes*”. Nele, estabelece o que ficou conhecido como “os estágios da morte” ou “os cinco estágios do luto”, com o propósito didático voltado tanto para pacientes com doença em fase terminal quanto para pessoas que se encontram enlutadas por outro tipo de perda, seja ela real ou simbólica. Esses cinco estágios são considerados como fases pelas quais as pessoas passam, quando se encontram na eminência de uma perda, seja paciente, familiar ou profissional da área da saúde. Esses estágios foram nominados como: negação, raiva, barganha ou negociação, depressão e aceitação (KÜBLER-ROSS, 2005).

Convém salientar que é na fase da barganha que a pessoa faz algum tipo de negociação ou de acordo com a sua crença religiosa, não importando o nome que esta entidade receba. É nesse momento que acordos internos são processados, promessas são feitas, na esperança de que a situação possa ser revertida.

Muitas vezes o paciente se encontra na fase de aceitação da sua doença, enquanto seu familiar resiste a isso, barganhando na esperança de uma recuperação, com a descoberta de um novo tratamento, por exemplo. Porém, há de se considerar que nem todos encontram-se ao mesmo tempo na mesma fase.

Importante salientar que um sexto estágio, o significado, foi agregado recentemente por David Kessler, especialista em luto e parceiro de estudos dos últimos dez anos de vida de Elisabeth Kübler-Ross (KESSLER, 2020).

Esse novo estágio vem de encontro à vários outros autores que serão ainda citados neste artigo, voltados para a busca de um novo sentido de vida.

William Worden, psicólogo que na década de noventa publicou o livro “Terapia do luto: um manual para o profissional de saúde mental”, comenta que muitos pacientes que se encontram com doença em fase terminal podem estar enlutados pela sua própria doença, ocorrendo a perda de si mesmo ou a perda das pessoas próximas.

É neste momento que algumas questões espirituais são levantadas, como o perdoar e ser perdoado, poder realizar o último desejo, se despedir de seus amigos e familiares. Porém, momentos como esses foram negados aos portadores da covid-19, hospitalizados, entubados, que faleceram e que não tiveram a oportunidade de realizarem a sua despedida final.

Ainda, sobre o ritual de despedida, como facilitador da elaboração do luto, Worden coloca que:

A cerimônia fúnebre tem o efeito de formar uma rede de suporte social próxima à família enlutada logo após a perda ter ocorrido e esse tipo de suporte social pode ser extremamente útil na facilitação do luto (WORDEN, 2013, p. 82).

Neste sentido, a cerimônia fúnebre, o ritual de despedida é um momento marcante em que a realidade da perda se materializa, a religião explica o mistério da morte, onde o apoio do círculo social é de suma importância para que o processo de elaboração do luto não evolua para um luto complicado. Levando-se em conta as dimensões do ser humano, como biopsicossocial e espiritual, faz-se necessário lembrar que o processo espiritual busca um novo sentido de vida, onde “a saúde é pensada como parte de um processo espiritual, que é entendido como uma busca de sentido para a vida” (VILLAS BOAS, 2020, s. p.). Daí a importância de se trabalhar questões espirituais como suporte para um novo significado existencial.

Imperioso citar, neste momento, o neuropsiquiatra Viktor Frankl, com seus estudos que envolveram a Filosofia, a Teologia, a Psicologia, a Sociologia e a Educação. Foi o fundador da Logoterapia (voltada para as questões práticas), às vezes chamada de Terapia Existencial (voltada para as questões teóricas), também conhecida como a Psicoterapia do Sentido da Vida, com olhar voltado para o cunho fenomenológico, existencial e humanista.

Significativa a sua contribuição por meio da Logoterapia, que tem como princípio a busca de um novo sentido/significado de vida, como força motivadora das pessoas. A Logoterapia concentra-se no futuro e pode ser um recurso para entender o sofrimento humano e o sentido da existência, assim, Frankl comenta que “crer em Deus significa ver que a vida tem um sentido” (FRANKL, 1990, p. 58), e que “Deus é parceiro de nossos mais íntimos diálogos conosco mesmos” (FRANKL, 2007, p. 117). Por esse ângulo, denota-se que existe a busca por um novo sentido de vida por meio da relação espiritual entre o homem e Deus, onde o amor é o grande motivador da vida.

Ainda, a Logoterapia pode ser um recurso para entender o sofrimento humano, tendo em vista que,

“Se é que a vida tem sentido, também o sofrimento necessariamente o terá. Afinal de contas, o sofrimento faz parte da vida, de alguma forma, do mesmo modo que o destino e a morte. Aflição e morte fazem parte da existência como um todo.” (FRANKL, 2020, p. 90).

Desse modo, é importante ressaltar que Frankl não enaltece o sofrimento, e sim valoriza a vida humana.

Reforçando este pensamento, Moreira e Holanda comentam que “A análise existencial tem demonstrado que o sofrimento tem um sentido, e que além do sofrimento, a necessidade, o destino e a morte fazem parte da vida” (MOREIRA; HOLANDA, 2010, p. 347). Isso posto, a vida continua apesar de todas as dificuldades e problemas oriundos da covid-19.

Por conseguinte, “O ser humano é o ser que decide o que vai se tornar” (SILVEIRA, 2007, p. 104). Portanto, pode permitir-se falar um ‘sim’, buscando um novo sentido de vida por meio da resiliência. Nesse contexto, pode-se dizer que “Resiliência é a capacidade adaptativa diante do enfrentamento de adversidades, traumas, tragédias, ameaças ou fontes significativas de estresse” ou seja, “ se refere a se ajustar, o que não necessariamente implica em

sentir-se bem ao longo do processo – e sim se adaptar e ser capaz de continuar, olhar para trás e processar a experiência vivida” (CASELATTO, 2020, p. 247). Por esse viés, a resiliência é de suma importância para as pessoas que buscam um novo sentido de vida, pois a covid-19 trouxe o luto de uma forma desafiadora, agravado pelo contexto da morte, necessitando de suporte emocional para todos os envolvidos.

Se despedir da vida de alguém que se ama, dizer adeus, é muito difícil. Assim,

Sempre que alguém importante para nós parte e todo o cerimonial de partida é realizado, lidamos com o sentimento de que “para sempre” não teremos mais essa pessoa entre nós. Nem por um segundo voltaremos a ver, ouvir ou tocar essa pessoa que representa para nós muito do que somos (BOARATI, 2020, p. 39).

Nesse contexto, “a dor da perda, o luto, quando não bem trabalhado ou vivido, torna-se um trauma, impedindo que a pessoa continue a viver com alegria” (BERTACHINI; PESSINI, 2011, p. 11). Conclui-se que o não poder se despedir, sabendo que nunca mais poderá ver o seu ente querido, poderá trazer sérias consequências para a saúde mental daqueles que sofreram a perda, pois o luto é o preço que se paga por se amar alguém.

Ainda sobre a falta do ritual de despedida, pode-se dizer que é como se uma dor fantasma começasse a fazer parte da vida das pessoas, um pedaço do corpo fosse amputado, provocando uma dor inexplicável devido à falta de despedida. Por meio dessa perspectiva, a médica paliativista Ana Claudia Quintana Arantes comenta sobre o luto:

Uma das grandes catástrofes do advento dessa doença é que, por razões sanitárias, muitas famílias não tiveram acesso ao corpo da pessoa que morreu. E precisamos de um corpo para superar a dor fantasma e passar para o capítulo seguinte. Um corpo morto é a certeza da perda; enquanto não constataremos o fim daquela história, ela permanecerá presente em nossa vida. Acabaremos nos relacionando com fantasmas e dedicando nosso tempo a um futuro que não existe (ARANTES, 2021, p.110).

Frente ao acima exposto, a saúde psíquica das pessoas encontrou-se abalada, com desorganização emocional aliada ao confinamento, com aparecimento do transtorno do pânico, da depressão e da ansiedade generalizada. É nesse momento que a presença do psicólogo se fez necessária, ajudando na resignificação e recuperação dos que sofreram perda significativa no decorrer da pandemia (MEDINA, 2021, p. 109-110).

Por outro lado, a solidariedade, a compaixão, emergiram a favor da vida. Portanto, assegura-se que a vida sempre tem um significado, porém com um novo ajustamento, um novo sentido, e ela continua apesar de todo o sofrimento provocado pela covid-19.

O impacto social frente à pandemia

O isolamento social fez com que a vulnerabilidade humana aumentasse, com mudança de comportamento em relação à despedida. A maneira tradicional de velar o seu ente querido foi alterada, comprometendo o cerimonial presente, que sempre fez parte da vida: velórios não foram permitidos; caixões foram lacrados, sem a possibilidade de sequer se constatar quem estava naquela urna (POMPEU; TERCIC, 2020). Também, carros fúnebres com desvio de rota, passando em frente à casa dos familiares para um último aceno; covas foram abertas para enterros coletivos; caminhões frigoríficos para manutenção de corpos, entre outras alterações foram observadas.

Famílias buscaram novos rituais de despedida, uma vez que, em muitas cidades existiam as barreiras sanitárias. Cerimonias virtuais, com vídeo chamadas, passaram a fazer parte da vida das pessoas, como modo de despedida, unindo parentes e amigos, através de cidades e países, no exercício de se poder alcançar o outro (CORSINI, 2020). Velórios se restringiram a apenas duas horas, com presença de no máximo dez pessoas e com o caixão lacrado. Algumas cidades precisaram fazer abertura de covas coletivas pela falta de mão de obra e serviços.

O impacto no sistema de saúde do Brasil, onde os mais vulneráveis foram mais expostos, entrou em colapso devido ao grande número de pessoas infectadas. Questões éticas voltadas aos direitos humanos emergiram, conforme mostrado pela Fundação Oswaldo Cruz, por meio de seu Portal:

Além disso, a necessidade de ações para contenção da mobilidade social como isolamento e quarentena, bem como a velocidade e urgência de testagem de medicamentos e vacinas evidenciam implicações éticas e de direitos humanos que merecem análise crítica e prudência (PORTAL FIOCRUZ, 2020,s. p.).

Além da urgência na busca de uma vacina para a covid-19, viu-se que o isolamento social fez com que a economia sofresse queda na bolsa de valores, afetando vários países (OLIVEIRA, 2020). Viveu-se um consumo de pânico, nos primeiros dias do aparecimento da nova doença, onde as pessoas compraram mais do que o necessário para o seu consumo.

A higiene pessoal passou a ser mais observada, com mudança de hábitos, como por exemplo, a evitação da entrada em casa com roupas e sapatos vindos da rua; a higienização das compras; a utilização de álcool gel para mãos; o uso de máscaras (OZZEBOM, 2021). A utilização dos dois últimos itens por todos fez com que houvesse o racionamento, com limite de compra desses produtos.

Muitos se encontraram desempregados, outros tantos declararam falência (COSTA, 2020). Além do aumento da informalidade daqueles que já não possuíam uma formação especializada, agravaram a desigualdade de renda entre as pessoas.

O isolamento social fez com que a liberdade dos cidadãos fosse limitada, com o seu direito de ir e vir sendo cerceado, desencadeando problemas emocionais, entre eles a obesidade. Nesse sentido, pode-se citar o médico Claudio Mottin, chefe do Serviço de Cirurgia Bariátrica e Metabólica do Hospital São Lucas da PUCRS: “Hoje, 80% das pessoas que chegam à obesidade têm algum distúrbio emocional, e acabam compensando com a comida. A ansiedade está presente na vida da gente, mas é possível controlar e tratar ” (PUCRS, 2020, s. p.).

Assim, a pandemia propiciou aumento no número de pessoas obesas, que não puderam manter seus hábitos saudáveis, seja através da alimentação como pela falta de atividade física. Deste modo, o sedentarismo ganhou espaço neste período.

Ainda, seguindo orientações da Organização Mundial da Saúde sobre a quarentena, como modo de não paralisarem as suas atividades, as empresas começaram a trabalhar de modo remoto. Muitas perceberam, na modalidade, a redução de gastos, e optaram em manter esta modalidade de trabalho mesmo quando o isolamento social não se fez mais necessário (MELLO, 2020, s.p.). Além disso, como questão de sobrevivência, inúmeros estabelecimentos passaram a vender seus produtos pela internet, outros, que já trabalhavam desta maneira, tiveram um aumento em suas vendas.

Instituições de ensino passaram a ministrar aulas de modo virtual e isso fez com que alunos que não tinham nenhuma afinidade com a informática se desenvolvessem nessa área. Também, a educação a distância (EAD), que já existia antes da pandemia, ganhou espaço nesse momento (ALVES; JESUS, 2020, s. p.). Ainda, muitas áreas da educação passaram a realizar *lives* como modo de alcançar o maior número de pessoas possível.

Inúmeras galerias de arte e museus abriram suas portas de modo virtual, permitindo visitas digitais com vídeos em formato 3D, utilizando tecnologia 360º (MARTINS, 2020, s. p.). Da mesma forma, vários artistas precisaram se reinventar, se apresentando através de *lives* para manutenção das suas carreiras (SIEMIONKO e MEGIATO, 2021, s. p.).

Não se esquecendo do impacto social causado a instituições religiosas, onde “A Covid-19 afetou a saúde física e mental dos religiosos, portanto seu bem-estar psicológico precisa ser renovado porque alguns podem ter desenvolvido *stress* particulares que podem resultar em experiências traumáticas” (VATICAN NEWS, 2021). Nesse seguimento, no decorrer do período pandêmico, muitos líderes religiosos também tiveram abalo em sua saúde social e espiritual.

Importante frisar sobre a conferência virtual “Bem-estar psicossocial e aconselhamento psicoespiritual para o clero e religiosos em meio à crise da COVID-19” (VATICAN NEWS, 2021, s. p.), que fez parte de uma série de conferências apoiadas pela Agência Católica para o Desenvolvimento no Exterior, como modo de ajuda ao clero e religiosos.

Vale ressaltar, ainda, sobre o papel social do luto, com reorganização de papéis nas famílias, onde casais tornaram-se viúvos; filhos ficaram órfãos; filhos assumiram o encargo financeiro como provedores da família, entre outros. Assim, com o passar do tempo as situações foram se acomodando, com as novas atribuições sendo adaptadas à atual realidade. Importante, nesse momento, que esses novos *status* sejam validados, cada qual com seu potencial, sua narrativa e busca de sentido de vida. Por fim, o mundo pós-pandêmico propiciou aprendizagem voltada às políticas públicas, onde a covid-19 continuará sendo estudada e debatida, por muito tempo ainda, no meio científico.

Considerações finais

A pandemia não se limitou apenas às questões clínicas, também teve repercussão nas áreas religiosas, políticas, sociais e culturais, com revisão de prioridades e importância na vida das pessoas. A investigação da covid-19 foi um período crítico, pois colocou a família e, especialmente, o paciente suspeito e posteriormente diagnosticado com a doença, diante do desconhecido, de uma enfermidade que ainda continua sendo estudada pelo meio científico.

Essencial a busca pela espiritualidade como modo de fortalecimento, tanto para aqueles que já partiram enquanto estavam hospitalizados, como para os que ficaram. Daí a relevância de se discutir sobre a despedida em tempos de pandemia da covid-19, na qual pessoas buscaram ajuda espiritual como modo de dividir seus medos e preocupações.

Por conseguinte, os rituais fazem parte da vida das pessoas, marcando passagens dentro do seu ciclo vital: nascer, crescer, formar-se, casar-se, morrer, entre outros momentos importantes na vida de cada um.

O processo do luto, pela perda de familiares e amigos, foi afetado durante a pandemia, com dificuldade de transcorrer de modo natural, devido à alteração do protocolo voltado ao velório, enterro e demais homenagens. A impossibilidade de o corpo ser velado, sem que os rituais de despedida pudessem ser realizados, fez com que a dor da perda aumentasse tornando o processo do luto mais difícil, podendo gerar sofrimento psíquico. Sabe-se que tanto o velório quanto o enterro tem função psicológica importante para quem sofreu perda significativa em sua vida. Faltou o abraço apertado, o consolo para este momento complexo imposto pela pandemia.

Muitos lutos reais ou simbólicos ainda serão vividos por um longo período, onde se chegará a um novo tempo, de um modo mais organizado, com revisão dos valores, com novo sentido de vida, buscando o bem comum. Porém, a busca por respostas se prolongará com muitas lições de vida, onde a morte se apresentará como mestra da vida.

Sendo assim, percebe-se a importância da despedida entre pacientes e familiares, em tempos de pandemia causada pela covid-19, a fim de que a fé e a esperança das pessoas não sejam abaladas, não se perdendo o foco da promessa da salvação, onde um Ser Criador acolhe a sua Criatura. A despedida também é considerada como modo facilitador para o início da elaboração do luto de uma maneira saudável, uma vez que o objetivo final do luto é diminuir a dor emocional, lembrando do seu ente querido com uma saudade gostosa e não mais dolorosa, zelando para que o luto não se transforme em um luto complicado, com necessidade de acompanhamento psicoterápico.

Assim, sobreviver ao luto, à falta de despedida do seu ente querido, fez com que uma nova conexão aparecesse entre a vida que existia e a nova vida imposta pela pandemia. Nesse sentido, pode-se dizer que as pessoas se enlutam porque amam, portanto, o luto faz parte do amor.

Por ser um tema contemporâneo, constatou-se a escassez de material e a carência de artigos acadêmicos a respeito da temática sob a perspectiva da Teologia e da Psicologia, sendo necessário um maior aprofundamento, visto que o assunto não se esgotou.

Referências

ALVES, J. P.; JESUS, G. S. V. de. *Efeitos da aula online no contexto de pandemia*. In: V Expociência – Faculdade Metropolitana São Carlos – FAMESC, 2020. Disponível em: <https://www.doity.com.br/anais/vexpofamesc2020/trabalho/163843>. Acesso em: 30 maio 2023.

ARANTES, A. C. Q. *Pra vida toda valer a pena viver: pequeno manual para envelhecer com alegria*. Rio de Janeiro: Sextante, 2021.

ARIÈS, P. *O homem perante a morte*. 2ª ed., v. I. Lisboa: publicações EuropaAmérica, 2000.

BAHR, P. O vírus da solidão. *Revista IHU On-line*. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/597439-o-virus-da-solidao>. Acesso em: 04 fev. 2022.

BERTACHINI, L.; PESSINI, L. *Encanto e responsabilidade no cuidado da vida: lidando com desafios éticos em situações críticas e de final de vida*. São Paulo: Paulinas, 2011.

BÍBLIA. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2016

BOARATI, M. A. Como aprender a dizer adeus. In: CASELATTO, G. (Org.). *Luto por perdas não legitimadas na atualidade*. São Paulo: Summus, 2020.

BOFF, L. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 2003.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. O que é a COVID-19? *Ministério da Saúde*, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>. Acesso em: 27 fev. 2022.

CASELATTO, G. Os lutos de uma pandemia. In: CASELATTO, G. (Org.). *Luto por perdas não legitimadas na atualidade*. São Paulo: Summus, 2020.

CORSINI, C. *Luto na pandemia: Ausência do ritual de despedida gera traumas e até patologias*. Disponível em: <https://www.ip.usp.br/site/noticia/luto-na-pandemia-ausencia-do-ritual-de-despedida-gera-traumas-e-ate-patologias/>. Acesso em: 27 maio 2023.

COSTA, S. da S. Pandemia e desemprego no Brasil. *Rev. Adm. Pública*, v. 54, n. 4, jul./ago. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/0034-761220200170>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rap/a/SGWCFyFzjrDwgDJYKcdhNt#>. Acesso em: 27 maio 2023.

Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM). *Documento de Aparecida: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. Edições CNBB. Paulinas: Paulus, 2007. (DAp).

FAGGIOLI, M. O coronavírus e a miopia (religiosa) em massa. *Instituto Humanitas Unisinos*, 2020. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/597205-o-coronavirus-e-a-miopia-religiosa-em-massa-artigo-de-massimo>. Acesso em: 27 ago. 2022.

IMPACTOS SOCIAIS, econômicos, culturais e políticos da pandemia. *Portal FIOCRUZ*, 2020. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/impactos-sociais-economicos-culturais-e-politicos-da-pandemia>. Acesso em: 01 jul. 2022.

FRANCISCO. *Udienna generale*. 17 jun. 2015. Não paginado. Disponível em: https://www-vatican.va.translate.goog/content/francesco/it/audiencias/2015/documents/papa-francesco_20150617_udienna-generale.html?_x_tr_sl=it&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR&_x_tr_pto=sc. Acesso em: 18 ago. 2022.

FRANKL, V. E. *A questão do sentido em psicoterapia*. Campinas: Papyrus, 1990.

FRANKL, V. E. *A presença ignorada de Deus*. 11ª ed. rev. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2007.

FRANKL, V. E. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. 51ª ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2020.

JOÃO PAULO II. *Carta apostólica salvifici doloris do sumo pontífice João Paulo II aos bispos, aos sacerdotes, às famílias religiosas e aos fiéis da Igreja Católica sobre o sentido cristão do sofrimento humano*. Não paginado. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1984/documents/hf_jp-ii_apl_11021984_salvifici-doloris.html. Acesso em: 31 ago. 2022.

KESSLER, D. *Finding meaning: the sixth stage of grief*. New York: Scribner, 2020.

KONINGS, J. *Evangelho segundo João – amor e fidelidade*. São Paulo: Loyola, 2005.

KÜBLER-ROSS, E. *Sobre a morte e o morrer: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios pacientes*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

KUSHNER, H. S. *Quando coisas ruins acontecem às pessoas boas*. Tradução Francisco de Castro Azevedo. São Paulo: Nobel, 1988.

MARTIN, J. A fé em tempos de pandemia. *Instituto Humanitas Unisinos*, 2020. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/597119-a-fe-em-tempos-de-coronavirus-artigo-de-james-martin>. Acesso em: 03 set. 2022.

MARTINS, R. Inúmeras galerias de arte e museus abriam suas portas de modo virtual. *Agência Brasil*, 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-04/museus-promovem-visitas-virtuais-durante-pandemia>. Acesso em: 20 maio 2023.

MEDINA, G. A. da C. Luto no contexto pandêmico: a situação que não fomos preparados para vivenciar. In: ESCUDEIRO, A. *Morte invisível: perda, luto e pandemia*. Blumenau: Editora 3 de maio, 2021.

MELLO, D. Home office foi adotado por 46% das empresas durante a pandemia. *Agência Brasil*, 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-07/home-office-foi-adotado-por-46-das-empresas-durante-pandemia>. Acesso em: 30 maio 2023.

MINGOTE, B. Decretado fim da emergência sanitária global da COVID-19. *Rádio Senado*, 2023. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2023/05/08/decretado-fim-da-emergencia-sanitaria-global-de-covid-19>. Acesso em 30 jul. 2023.

MOREIRA, N.; HOLANDA, A. Logoterapia e o sentido do sofrimento: convergências nas dimensões espiritual e religiosa. *Psico-USF [online]*, v. 15, n. 3, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-82712010000300008>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psuf/a/HxrrqnNtNcfvGT5xQwbmNTf/?lang=pt>. Acesso em: 01 set. 2022.

MOREIRA, P. C. Sobre religião, espiritualidade e morte. In: ESCUDEIRO, A. (Org.). *Tanatologia: temas impertinentes*. Fortaleza: LC Gráfica e Editora, 2011.

NASCIMENTO, V. Esperança em tempos de pandemia. *Cultura & Teologia, Como viveremos, 2020*. Disponível em: <https://comoviveremos.com/2020/04/27/uma-mensagem-de-esperanca-em-tempos-de-pandemia/>. 29 de mar. 2022.

OBESOS GRAVES têm prevalência maior de distúrbios emocionais, aponta médico. *PUCRS, Parque Esportivo, 2020*. Disponível em: <https://www.pucrs.br/parqueesportivo/2020/01/20/obesos-graves-tem-prevalencia-maior-de-disturbios-emocionais-aponta-medico/>. Acesso em: 10 jun. 2023.

O IMPACTO DA PANDEMIA da Covid-19 na vida religiosa e do clero. *Vatican News, 17 ago. 2021*. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2021-08/impacto-pandemia-covid-vida-religiosa-clero-saude-fisica-mental.html>. Acesso em: 30 jul. 2023.

OLIVEIRA, J. J. de. Impactos do coronavírus na Bolsa de Valores. CORECON-RS: Conselho Regional de Economia, 2020. Disponível em: <http://coreconrs.org.br/economia-em-dia/1307-impactos-do-coronavirus-na-bolsa-de-valores.html>. Acesso em: 27 maio 2023.

O IMPACTO DA PANDEMIA da Covid-19 na vida religiosa e do clero. *Vatican News, 17 ago. 2021*. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2021-08/impacto-pandemia-covid-vida-religiosa-clero-saude-fisica-mental.html>. Acesso em: 30 jul. 2023.

OZZEBOM, E. R. Máscaras, distanciamento e lavagem das mãos são as melhores defesas contra a covid-19. *Senado notícias, 2021*. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/03/24/mascaras-distanciamento-e-lavar-maos-sao-as-defesas-contra-a-covid-19>. Acesso em: 27 maio 2023.

PARANÁ. SECRETARIA DA SAÚDE. Boletim – Informe Epidemiológico Coronavírus (COVID-19) 25.07.23. Disponível em: <https://www.saude.pr.gov.br/Pagina/Coronavirus-COVID-19>. Acesso em: 30 jul. 2023.

PERETTI, C. Apostila elaborada para uso em sala de aula, disciplina História da igreja na idade antiga, Curso de Graduação em Teologia, PUCPR. 2019.

POMPEU, D.; TERCIC, L. S. Pandemia transforma rituais de morte e luto no Brasil. *Unicamp, 2020*. Disponível em <https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2020/05/08/pandemia-transforma-rituais-de-morte-e-luto-no-brasil>. Acesso em: 27 maio 2023.

RUPPENTHAL NETO, W. *E pediu para si a morte*. Curitiba: Publicações Pão Diário, 2021.

SANTOS, F. S. Perspectivas histórico-culturais da morte. In: INCONTRI, D.; SANTOS, F. S. (Org.). *A arte de morrer: visões plurais*. Bragança Paulista: Editora Comenius, 2007.

SARAMAGO, J. *As intermitências da morte*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SIEMIONKO, A.; MEGIATO, J. *O sucesso das transmissões pela internet em um mundo isolado*. UFPEL – Arte no Sul, 2021. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/artenosul/2021/04/24/o-sucesso-das-lives-em-um-mundo-isolado/>. Acesso em: 20 maio 2023.

SILVEIRA, D. R. *O sentido da resiliência: a contribuição de Viktor Emil Frankl*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, 2007.

VARILLON, F. *Crer para viver*. São Paulo: Loyola, 1991.

VÉLEZ, C. Esta situación nos confronta con la limitación humana, con nuestra vulnerabilidad. In: ÁLVAREZ, M. A. (org). *Covid19*. Santiago, Chile: MA Editores, 2020.

VILLAS BOAS, Alex. Espiritualidade e saúde em tempos de pandemia: lições da sabedoria antiga. Disponível em: <https://ft.ucp.pt/pt-pt/noticias/espiritualidade-e-saude-em-tempos-de-pandemia-lico-es-da-sabedoria-antiga-27066>. Acesso em 31 ago. 2022.

WORDEN, W. *Terapia do luto: um manual para o profissional de saúde mental*. Trad. Max Brenner e Maria Rita Hofmeister. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

WORDEN, W. *Aconselhamento do luto e terapia do luto: manual para profissionais da saúde mental*. 4. ed. São Paulo: Roca, 2013.

YALOM, I. D. *Uma questão de vida e morte*. Tradução de Fernanda Mello. São Paulo: Planeta, 2021.

RECEBIDO: 13/06/2023
APROVADO: 03/08/2023

RECEIVED: 06/13/2023
APPROVED: 08/03/2023